

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

O DESEJO DE UM SER HUMANO É DESEJO DO DESEJO DO OUTRO

*Socióloga. Mestre e doutoranda em Educação (USP/Paris 13). Professora de Metodologia da Pesquisa e Sociologia da UNINOVE e das FAC-São Roque.

Nilce da Silva*

Freqüentemente, indagamo-nos: Por que muitos dos nossos alunos fracassam na escola? Por que algumas crianças das classes populares têm sucesso nos estudos? Ou ainda, por que este fracasso é mais presente entre as famílias de categorias sociais menos favorecidas?

Todas estas dúvidas, que invadem as reflexões dos educadores, presidiram o nascimento do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Charlot¹, denominado ESCOL – Educação, Socialização e Coletividades Locais –, ligado ao departamento de Ciências da Educação da Universidade Paris VIII desde 1987, e ainda hoje orientam suas pesquisas.

A obra *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*, objeto desta resenha, apresenta, de modo claro e consistente, o caminhar desse grupo aliado às suas pesquisas de campo, num diálogo fértil com as principais teorias que tratam da questão do fracasso escolar. A base dos trabalhos é a longa

reflexão que o professor Charlot e o ESCOL têm feito sobre a problemática educacional.

A abordagem teórica proposta por este grupo foge do senso comum, organizando-se a partir da perspectiva da relação do saber com a escola. Tem como objeto de pesquisa ‘a relação com o saber’ construída por alunos de escolas de ensino médio de bairros do subúrbio da cidade de Paris e, a partir desta relação, estudam as questões pertinentes ao fracasso escolar.

Em seu livro, Charlot afirma categoricamente que o fracasso escolar é um objeto de pesquisa ‘inencontrável’, algo que não pode ser constatado pela experiência. O que existe são alunos em situação de fracasso escolar (os que não acompanham o ritmo da classe, os desordeiros, os apáticos...), porém o objeto de estudo “fracasso escolar” não existe enquanto fenômeno.

Argumenta o filósofo que afirmar a inexistência do fracasso escolar é recusar um modo de pensar automático, em

¹Bernard Charlot é professor de Ciências da Educação na Universidade Paris VIII.

que ele é declinado como imigração, pobreza, fatalidade e doença. Tal situação equivocada, ou ainda predatória, ocorreria, entre outros motivos, pela busca desesperada das causas do fracasso escolar, como se este fosse desencadeado por alguma espécie desconhecida de vírus ou herança genética.

Nas palavras de Charlot,

O “fracasso escolar” não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisados, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar”. (p. 16)

Dessa maneira, os resultados de pesquisas quantitativas referentes à temática, mais precisamente as análises estatísticas sobre as relações entre as variáveis envolvidas no problema, têm sido usadas para afirmar que a causa social do fracasso escolar é a origem das famílias das crianças que padecem de deficiências socio-culturais, ou seja, a causa do fracasso escolar é a origem sociofamiliar pouco favorecida de boa parte dos alunos. Esse modo de abordar o tema é notório nas sociologias da reprodução, com ganhos, limites e inúmeros erros de interpretação. Para este pensador, essas versões

da Sociologia não conseguem ir além das correlações entre algumas variáveis estatisticamente medidas. São limitadas porque não explicam, por exemplo, o motivo pelo qual certos alunos não aprendem, refugiam-se na indiferença, ou ainda explodem na violência.

Dada a plenitude de sua análise, Charlot destaca também o alcance restrito atingido pelas diversas formulações teóricas que sustentam ser a deficiência cultural a causa para a ocorrência do fracasso escolar. Interpreta-se equivocadamente que tal falta provém da carência da família de origem e, mais uma vez, a teoria das diferenças engana-se quando entra em cena para explicar as inexistentes relações de causa e efeito.

Para o autor, a deficiência gera benefícios ideológicos aos docentes, já que o professor fica livre de uma possível culpa pelo fracasso escolar, imputando-a aos seus alunos e às respectivas famílias. Além disso, ao atribuírem a causa do fracasso à instituição escolar, descomprometem-se com ela, em nome da imagem de uma boa instituição, provavelmente idealizada.

Diante dessa postura prático-teórica e ideológica, bastante enraizada nas nossas mentalidades, a obra em questão propõe o exercício de uma leitura positiva dos alunos, em suma, das pessoas: o que elas fazem, o que conseguem e

o que sabem. Tal postura constituiria uma nova definição metodológica e epistemológica, em que a pessoa seria concebida como um sujeito que age e reage, mesmo que dominado.

Assim, o educador francês propõe a construção de uma Sociologia do sujeito-ser humano aberto ao mundo que não se reduz ao aqui e agora. Para ele, o sociólogo deve aproximar-se do psiquismo, mais precisamente da Psicanálise. Isto se deve especialmente à idéia de que o desejo de uma pessoa é desejo do desejo do outro. Dessa forma, a experiência escolar passa a ser entendida como relação consigo mesmo, com os outros e com o saber, ou seja, desejar o saber passa pelo desejo do desejo do outro (forma pessoal de alteridade, como ordem simbólica, ordem social).

Novas relações com o mundo devem ser estabelecidas para que determinado saber se relacione com determinado aluno não apenas no plano cognitivo ou didático. Muitos alunos instalam-se numa postura do saber que não é pertinente para se ter sucesso na escola; não conseguem passar da não-posse à posse do saber, em outras palavras, do saber virtual ao real. Esta relação epistêmica está encarnada no corpo do aprendiz engajado no mundo.

Tal relação, segundo o filósofo francês, remete às questões de identidade, pois este ou aquele saber sempre fazem referência a determinado grupo social. Nesse momento, podemos perceber quanto a figura do professor é importante na sala de aula e nessa relação, pois é ele que pode favorecer uma mudança de identidade do aluno.

Portanto, para Charlot e sua equipe, a análise da relação com o saber deve ser feita nas dimensões epistêmica e identitária. É nesse sentido que se pode dizer que a relação estabelecida por um sujeito com o saber é uma forma de relação com o mundo, com ele mesmo e com os outros.

Em suma, um pesquisador, um professor, ou qualquer outra pessoa preocupada com a questão do fracasso escolar precisam, antes de mais nada, estar atentos para a relação deste ou daquele aluno com o saber, tendo em vista o conceito de desejo: desejo de ser o desejo do outro. Sendo assim, faz-se mister a integração das mais diversas áreas do saber e a estreita comunicação entre os saberes produzidos em cada uma delas.

Finalmente, resta-nos recomendar vivamente a leitura deste livro na medida em que a problemática que intriga Charlot e muitos outros pesquisadores